

O colesterol, e não a desilusão, é que é o verdadeiro destruidor de corações. O homem não o fez bater, mas deu ao coração todo o seu romance. O fez vermelho e arredondado, agradável aos olhos das crianças e dos ingênuos apaixonados. Mas como posso confiar os efeitos de um amor arrebatador a um órgão que não agüenta nem mesmo os efeitos do bacon frito ? Tem a marca de margarina que promete "cuidar do seu coração" e mostra no seu comercial imagens de uma família feliz, ou de um casal de jovens namorados. Mas ainda são os sopros e infartos que levam os pacientes até os cardiologistas, e não os sentimentos. E ainda são os dentistas que cuidam do sorriso das pessoas tristes. O homem sentiu a necessidade de criar uma divisão para o que não considerava racional. Não se pode amar com razão, com a certeza da convicção. A certeza do amor tem que ser praticamente religiosa; São Tomé ama à primeira vista. Desde o início dos tempos o vermelhinho já mostrava seu traço característico: o de enganar, o de levar por caminhos não esclarecedores mas que gostamos de acreditar serem os certos. Ao examinar o corpo, os antigos perceberam que todas as nossas "ligações", nossas veias, seguiam rumo ao coração. Estava então revestido de pompas e importância o órgão operário-padrão: incansável trabalhador, era agora também um incansável amante. Como um empregado de fábrica em seu enfadonho ofício, sofreria de L.E.R, a famigerada Lesão por Esforço Repetitivo ? De tanto amar se cansaria de bater. Era preciso eleger um culpado, espalhar um cartaz de "procura-se" na busca pelo responsável por nossas burradas homéricas, torna-lo alvo fácil de estúpidos cupidos. De uma hora para outra ganhou influência sobre todo o corpo, o que inclui os cotovelos e suas dores crônicas. Eu odiava nomear suas divisões em provas de biologia, quando escrevia errado "ventrilocos", ao invés de ventrículos. Mas gosto de acreditar que o coração tem ventrilocos sim. Gostamos de acreditar que tem vida própria, mesmo quando é uma voz interna que fala por ele, mesmo quando ignoramos as mãos por dentro do fantoche... Faz parte do show do coração, como um número onde ele é a cartola do mágico, com um fundo escondido de onde tudo sai sejam coelhos ou amores, ambos platônicos. E como uma cartola, o coração não é tão usado hoje em dia, ficou esquecido no passado, sob um charme nostálgico. Vesti-lo hoje abertamente, sem vergonha, é motivo de riso, estranhamento. O amor é elegantemente excêntrico por natureza mas cai bem em todos perdem o senso de ridículo. O amor é a mágica que se desenrola sob nossos olhos, a linda assistente de palco que nos cativa enquanto o truque acontece por trás do pano. Que o Mister M nunca revele o segredo em algum programa domingo à tarde. Outra de suas divisões revela que é cerimonialista por natureza: o coração possui átrios, como uma refinada mansão, por onde os seletos são convidados a entrar, ficar, se tiverem sorte. Ah que pena desse percussionista solo que atravessa uma apresentação por toda a vida sob pedidos de bis, amando, mesmo cansado, fazendo das tripas coração.

PEDRO MALTA